CPAD

Rumo à Terra PROMETIDA

A Peregrinação do Povo de Deus
no Deserto no Livro de Números



Reynaldo Odilo

Rumo à Terra PROMETIDA

A Peregrinação do Povo de Deus no Deserto no Livro de Números

Reynaldo Odilo

1ª edição

CPAD

Rio de Janeiro
2018

Todos os direitos reservados. Copyright © 2018 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Daniele Pereira
Adaptação da Capa: Elisangela Santos
Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

CDD: 240 – Moral cristã e teologia devocional
ISBN: 978-85-263-1715-4

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

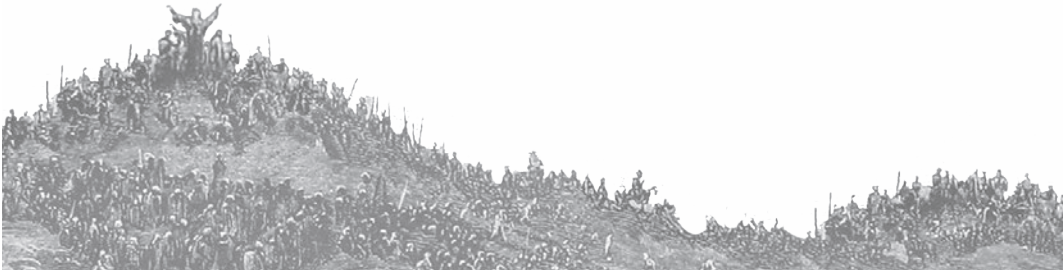
1ª edição: 2018
Tiragem: 7.000

Agradecimento

Ao escrever mais um livro, meu coração envolve-se de profunda gratidão ao Deus Todo-Poderoso, doador da vida, possuidor de toda a sabedoria, conhecedor de todos os raciocínios, dono de toda a beleza, inclusive a literária, o qual, por sua infinita bondade, concede a frágeis e imperfeitos seres humanos, num primeiro momento, a capacidade de pensar. Depois, esses pobres e desqualificados pensadores, como eu, juntando conceitos, ideias e fatos, por sua misericórdia e graça, conseguem produzir mensagens que, sendo acondicionadas umas às outras, em certo lapso temporal, dão origem a um livro. Por tudo isso, *Soli Deo Gloria.*

O salmista Davi disse, certa vez, com bastante entendimento: "Que é o homem mortal para que te lembres dele?" (Sl 8.4). E noutra ocasião: "Tudo vem de ti, e nós apenas te demos o que vem das tuas mãos" (1 Cr 29.14, NVI). Nesta toada, aqui estou eu, alegre pela tarefa concluída mas, simultaneamente, sentindo o peso da responsabilidade, pelo imerecido presente recebido de Deus — *Rumo à Terra Prometida.*

Existem diversas pessoas a quem, certamente, eu poderia externar minha gratidão: família, amigos, editores, revisores, pela preciosa compreensão, apoio e auxílio no desenvolvimento desta obra; todavia, peço perdão a todos pela omissão dolosa, proposital. Não se trata de



esquecimento. Eu e vocês, que construímos esse trabalho literário, de perto ou longe, não ficaremos com nenhum resquício de louvor, pois todo o agradecimento deve dirigir-se, pelo menos hoje — é o que sinto —, somente àquEle que nos criou e de quem somos.

A Ele, pois, toda a glória.

Prefácio

Tenho a alegria de prefaciar Rumo à Terra Prometida, de autoria do pastor Reynaldo Odilo, "irmão e companheiro na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo" (Ap 1.9). Nesta obra, o autor reconstrói, pelas lentes do cotidiano da vida cristã, a trajetória das duas gerações de hebreus que andaram, na companhia de Moisés e Josué, bem como do Senhor Deus, por um "grande e terrível deserto de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de secura, em que não havia água" (Dt 8.15).

Cada capítulo propiciará uma surpresa agradável ao leitor, que descobrirá fontes de águas termais brotando de lugares áridos, como aconteceu com Aná (Gn 36.24), na travessia do deserto, de maneira que o Senhor trará edificação, exortação e consolação ao seu povo.

O livro, escrito em linguagem acessível, com raciocínios teológicos abalizados, proporcionará, sem dúvida, deleite e alegria, pelos momentos de revelação e profunda comunhão com Deus.

Em Cristo,

Pastor Martim Alves da Silva
Presidente da Igreja Evangélica
Assembleia de Deus no RN — IEADERN
Presidente da Convenção de Ministros da
Assembleia de Deus no RN — CEMADERN

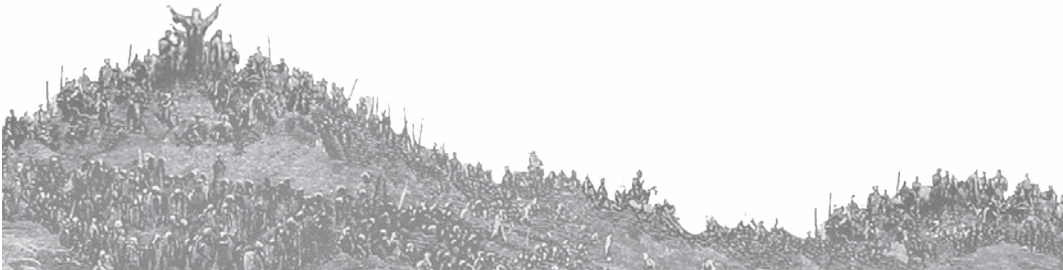


Sumário

Agradecimentos 3
Prefácio 5

1. O Livro de Números — Caminhando com Deus no Deserto 9
2. Os Preparativos para a Conquista 21
3. Santidade — Requisito para a Conquista 33
4. A Presença de Deus no Deserto 45
5. Decidindo o seu Futuro 57
6. O Pecado da Rebelião 69
7. Os Perigos do Deserto 81
8. As Guerras no Deserto 91
9. A Proteção no Deserto 101
10. Os Cuidados e Deveres da Nova Geração 113
11. Moisés, um Líder Vitorioso 125
12. Um Líder Formado no Deserto 137
13. O Deserto Vai Passar 147

Referências 159

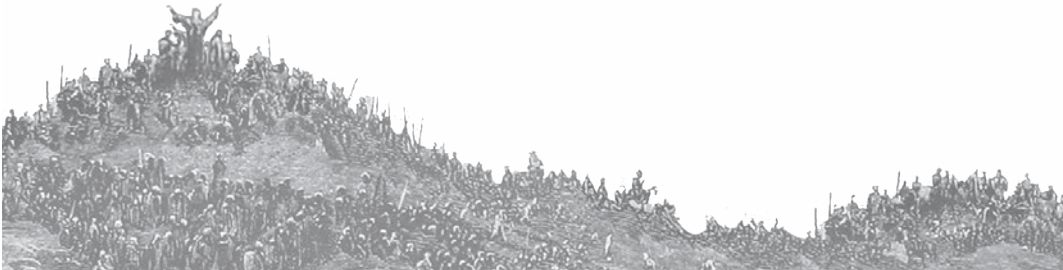


1

O Livro de Números — Caminhando com Deus no Deserto

Introdução

Deus sempre faz os seus filhos caminharem com Ele no deserto. Antes de Jesus nascer, o Senhor levou José e Maria a fazerem uma jornada até a terra natal de José, onde nasceu o Salvador. Após o nascimento da criança, quando era ainda um bebezinho, Deus encaminhou a bendita família para um longa viagem, atravessando o deserto, até o Egito. Nesse tempo, o precursor do Messias ainda crescia, e se robustecia em espírito, mas há um ponto interessante: João Batista esteve nos desertos até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel (Lc 1.80). A necessidade da caminhada pelo deserto parece ser um requisito para conhecer melhor a Deus.



Aos 30 anos, depois do batismo em águas, o Espírito convidou Jesus a segui-lo para outra jornada: seriam quarenta dias pelo deserto. Ali Ele foi provado e aprovado; no fim, os anjos o serviram. O Senhor Jesus desenvolveu seu ministério caminhando com seus discípulos, ora nos desertos, nas montanhas ou em alto mar, o Espírito Santo sempre fazia com que Jesus e seus discípulos se movimentassem frequentemente.

Após ressuscitar, Jesus se encontra com Pedro, às margens do Mar de Tiberíades, e, mais uma vez, disse-lhe: "Segue-me" (Jo 21.19). Pedro sai da beira do fogo e caminha com Jesus. Simplesmente caminha. Não há palavras. Caminhar, caminhar, caminhar! Nenhuma revelação ou milagre. O dia a dia não é tão cheio de emoções e milagres. O milagre está em não parar de caminhar. Seguir em frente. Pedro, porém, perde a razão e questiona acerca de um boato sobre João, mas o terno Jesus simplesmente repete a orientação: "Segue-me, tu! Portanto, mantenha o foco em mim, pois nesta caminhada você aprenderá coisas muito caras". A última caminhada com Jesus é marcada pelo silêncio. Há mais silêncio do que palavras. Jesus quer que: Pedro, caminhe... Em breve nós nos encontraremos, outra vez, além do mar.

Findos os quarenta dias depois da ressurreição, mas antes de subir ao céu, Jesus disse que os crentes receberiam o poder do Espírito Santo e, logo em seguida, mencionou que o interesse dEle era que os discípulos continuassem caminhando, saindo desde Jerusalém e indo até aos confins da terra. Desde então, vinte séculos de cristianismo são passados e, ao longo desses milênios, quando a igreja estava em comunhão com Deus, ela sempre se movimentou, caminhou, levando o evangelho a todo o mundo, ao mesmo tempo em que se aprofundava no conhecimento do caráter de Deus.

A história do povo de Deus no livro de Números, igualmente, está sempre em movimento. O pano de fundo é uma promessa feita há séculos a um velho chamado Abraão e confirmada a seus descendentes Isaque e Jacó, bem como a toda a sua linhagem. Chegado o tempo oportuno, Deus, por intermédio de Moisés, libertou os israelitas da escravidão e, após a travessia do mar, guiou-os pelo deserto, rumo à Terra Prometida. Entretanto, primeiro, era necessário passarem pelo Sinai, para que recebessem a lei, pois precisavam de parâmetros civis, morais e espirituais, para se estabelecerem como nação.

As pessoas que se aventurariam com o Altíssimo nessa longa estrada deveriam manter um alto padrão de santidade, conforme anunciado no Sinai e explicado diversas vezes ao longo do trajeto. Infelizmente, eles viram os feitos do Senhor, mas não quiseram conhecer os seus caminhos (Sl 103.7) e, por isso, após quase quarenta anos de caminhada pelo deserto, toda aquela geração adulta de ex-escravos hebreus morreu e não alcançou a promessa. Entretanto, diferentemente de outros povos, os hebreus não sucumbiram — Deus queria preservá-los para si, pois havia prometido que, deles, descenderia o Salvador do mundo. O livro de Números narrará a caminhada das duas gerações de hebreus pós-escravidão egípcia, uma que morreu no deserto e outra que seguiu com Deus o plano até chegar à fronteira da Terra Prometida.

I – O Livro de Números

1) Números ou "No Deserto"

O quarto livro do Pentateuco recebeu o nome, pelos judeus, de "No Deserto" (heb. *Bemidbbar*), expressão contida logo no início da obra, bem como porque grande parte das narrativas acontecem em inóspitos lugares ("desertos"). O termo "Números" foi cunhado para nomear o referido trabalho literário quando da tradução do Antigo Testamento para a língua grega — a Septuaginta — em face de, no livro, Moisés registrar dois censos do povo hebreu.

As duas titulações possuem justificativas plausíveis e, sob o prisma da didática, têm grande importância; por isso, ao longo deste livro, aqui e acolá, ambas serão utilizadas, pois elas, na verdade, ajudam a construir o cenário perfeito da ambientação histórica.

Cabe dizer, assim, que tanto é importante a quantidade de pessoas envolvidas em uma empreitada, bem como as circunstâncias em que os esforços se desenvolveram. Ora, os dados da contagem de mais de 600 mil homens demonstram, de logo, que o livro narra a história de um estupendo milagre, pois se tratou de uma migração de milhões de pessoas (incluindo os menores de 20 anos e as mulheres), além de muitos animais, que não morreram de sede ou fome ao longo de décadas, enquanto peregrinavam em uma região

desértica, onde não havia habitantes. Nesse cenário, os "números" reluzem, com intensidade, a glória de Deus no deserto, pois foi sua mão quem os conduziu magistralmente.

2) Considerações Preliminares

Diante de uma literatura de extraordinária riqueza, alguns teólogos asseveram que o quarto livro do Pentateuco poderia ter outros nomes, tais como "peregrinação no deserto", "livro das caminhadas", "livro das murmurações", "o livro do deserto". Moisés, inequivocamente, foi a pessoa que escreveu o livro entre o ano 1440 e 1400 a.C., segundo a maioria dos estudiosos. A palavra "deserto" aparece em Números quase cinquenta vezes — a maior frequência nos escritos bíblicos.

Números é um livro por demais importante, dentre outras coisas, porque nos fala muito sobre o padrão de santidade de Deus para o seu povo. Nesse sentido:

> [...] todo material em Números — ritualístico, legal, narrativo e até mesmo as informações estatísticas — giram em torno do tema universal da santidade. Childs observa: "Apesar da diversidade de assuntos e da complexa estrutura literária, o livro de Números mantém uma interpretação sacerdotal unificada da vontade de Deus para o seu povo, a qual é exposta em um nítido contraste entre o santo e o profano".[1]

Além do mais, a importância para a vida cristã do livro de Números é expressamente declarada pelo apóstolo Paulo, ao escrever sua primeira carta aos coríntios, quando fez uma detalhada narrativa de vários episódios, citando a presença da nuvem da glória de Deus, a pedra que brotou água, o maná, e as diversas rebeliões e pecados cometidos; nesse contexto, o apóstolo dos gentios arremata:

> Mas Deus não se agradou da maior parte deles, pelo que foram prostrados no deserto. E essas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles

[1] HAMILTON, Victor P. **Manual do Pentateuco.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 350.

> cobiçaram. [...] Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos. (1 Co 10.5,6,11)

Diante disso, a leitura de Números reveste-se de grande relevância, pois não versa apenas sobre conselho ou ordens dadas por Deus em forma de mandamentos, mas de um paternal ensino sistematizado, com o objetivo de as gerações futuras — aquelas que se encaixam como vivendo no "fim dos séculos" — conheçam o caráter de um Deus amoroso e bom, mas ao mesmo tempo santo e justo. Deus não queria que o fim trágico de mais de 600 mil homens, por causa das constantes rebeliões, passasse despercebido das gerações que sucederiam.

O Senhor Deus, séculos depois, de maneira poética usou Oseias para descrever com precisão o que aconteceu, para que isso ficasse indelevelmente marcado na memória do povo de Deus:

> Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho. Mas, como os chamavam, assim se iam da sua face; [...]. Todavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os pelos seus braços, mas não conheceram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor; e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas; e lhes dei mantimento. (Os 11.1-4)

3) Relevância Contemporânea

Quando um novo sítio arqueológico é encontrado, apresenta-se comum uma concentração de estudiosos para, com a cautela devida, explorar as riquezas escondidas e os tesouros encobertos pelo tempo. Nessa tarefa de descobrir mistérios ou comprovar teorias, envolve-se muito esforço pessoal, com grandes investimentos financeiros. Da mesma forma, extraordinários tesouros pouco explorados ainda existem na Palavra de Deus! O livro de Números, por exemplo, é um desses casos. Ele é profundo e, ao mesmo tempo, singelo, pois traz, de um lado, a dureza de coração de um povo composto por ex-escravos escolhidos para se tornarem príncipes — os quais morreram no deserto — e, de outro, a longanimidade e o amor de um Deus santo e justo que,

diariamente, alimentava, cuidava, instruía, protegia e guiava pessoas as quais, mesmo assim, dia após dia, tornavam-se ainda mais obstinadas, desobedientes, rebeldes, incrédulas e ingratas. O livro narra também o surgimento de uma nova geração (a partir do 2º censo) a qual seria introduzida em Canaã, sob o comando de Josué. Nesse diapasão, Victor Hamilton afirma que "Números fala sobre a morte do que é velho (1–25) e o nascimento do que é novo (26–36), com Deus tendo de começar novamente".[2]

As descobertas (ou revelações) que o Espírito Santo deseja entregar ao seu povo através da leitura de Números é algo impressionante, mas exige dedicação, estudo aprofundado, além de especiais momentos de oração e busca por sua face; afinal, como se sabe, essas verdades profundas, que saem do trono de Deus, são ensinadas pelo Senhor — e só por Ele, como mencionou Jesus a Pedro (Mt 16.17).

Escrituras como os Salmos, por exemplo, são bastante conhecidas porque, aparentemente, não possuem complexidade exegética, mas com Números é diferente. A dificuldade interpretativa e sua contextualização, em alguns capítulos, parece ser intransponível! Por essa e outras razões, o quarto livro do Pentateuco não é um dos mais comentados da cristandade. Entretanto, pode-se afirmar com convicção que, ao fazer uma narrativa minuciosa da caminhada pelo deserto, Moisés estabeleceu um verdadeiro tratado sobre o relacionamento entre Deus e o seu povo, daí emergindo um riquíssimo tesouro teológico para a atualidade!

II – As Experiências no Deserto

1) Deserto, Lugar de Caminhada

Sentir-se perdido é um dos resultados colhidos por quem não fica atento aos cuidados da caminhada. Isso aconteceu com mais de 600 mil guerreiros que saíram do Egito debaixo do estandarte de Israel, por tal razão, várias vezes, eles tencionaram voltar ao Egito. Estavam angustiados, sem dúvida, acreditando que aquela jornada não fazia sentido, pois tudo parecia vazio, estéril e inócuo: eles, certamente,

---

[2] HAMILTON, Victor P. **Manual do Pentateuco.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 351.

sentiam tristeza, por entenderem que estavam no caminho errado, e ansiedade, por não saberem o que fazer, o rumo a seguir. A geração que saiu do Egito, infelizmente, não entendeu que o Senhor a conduziu ao deserto para ser transformada.

Deserto, porém, não é um lugar de habitação, de passar o resto da vida, mas de caminhada, lugar de passagem, de transição. Quando não se compreende isso, então o deserto pode se transformar na pior experiência da vida. O Espírito de Deus revelou a Moisés o propósito da jornada dos hebreus no deserto, ao dizer que os guiou por um "grande e terrível deserto de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de secura, em que não havia água" (Dt 8.15), com o objetivo de "te humilhar, e para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos" (Dt 8.2, ARA). Deus queria, naquele lugar de transição, que houvesse um aprofundamento do relacionamento com Ele.

2) Deserto, Lugar de Treinamento

Todo atleta, empreendedor, artista plástico, profissional liberal, enfim, qualquer pessoa que deseja se destacar na atividade que realiza deve, primeiramente, submeter-se a um intenso processo de preparação. Uma boa preparação transforma pessoas simples, inexperientes, em *experts*. A caminhada no deserto, nesse passo, serve como uma excelente etapa de preparação, pois sacode as estruturas morais e psicológicas do indivíduo, sendo que ali é revelado o seu caráter, desnudadas as intolerâncias, exposta a espiritualidade. Na vida dos que servem a Deus, constantemente será assim. Haverá longas noites escuras, permeadas por traições, negações, decepções. Dores. Isso faz parte do treinamento de Deus. Mas também surgirão momentos de alegria. Eles serão inesquecíveis. E nunca terão fim.

Ninguém está livre desse período de caminhada. Assim, à proporção que as dificuldades se manifestam, Deus treina seu povo.

3) Deserto, Lugar de Milagres

Geralmente, as maiores vitórias sucedem grandes necessidades criadas por Deus. Deve-se, por isso, ter a visão correta para não desperdiçar o momento em que surgem as necessidades, porque, na

maioria das vezes, trata-se de uma oportunidade de milagres. Esse segredo aberto está disponível àqueles que estão dispostos a viver pela fé. O próximo milagre da sua vida pode estar bem perto da sua necessidade, ou da carência do seu próximo!

Assim, deserto é um lugar onde Deus cria frequentemente oportunidades para milagres. Não é por acaso que está escrito que Deus fez "prodígios e sinais na terra do Egito, no Mar Vermelho e no deserto, por quarenta anos" (At 7.36). Quando tudo parecia que ia dar errado, Deus realizou intervenções milagrosas na natureza: quando faltava água, ou comida, sempre havia uma provisão extraordinária. As roupas e os sapatos dos israelitas, da mesma forma, milagrosamente, não se desgastavam, ainda que debaixo de um sol causticante (Dt 8.4). Quem ama de verdade — e Deus ama o seu povo intensamente — não se contenta em ter o objeto do seu amor de qualquer jeito, mas sempre com a melhor qualificação em frutificação espiritual (fruto do Espírito) e com uma confiança inabalável em Deus! Por isso, a experiência do deserto era indispensável para quem entraria na Terra Prometida, e também, hoje, para os que vão morar com Deus na eternidade.

III – O Cristo no Deserto

O livro de números traz em seu bojo, constantemente, a revelação tipológica do Messias. Em todos os episódios da caminhada do povo hebreu pelo deserto, quando havia dificuldades ou nos momentos de expressivas vitórias, quando estavam parados ou em movimento, perplexos ou exultantes, Cristo, por um dos seus tipos, sempre se fazia presente, para confirmar a promessa: "Não te deixarei, nem te desampararei" (Hb 13.5). Neste capítulo, será tratado apenas acerca de três manifestações tipológicas messiânicas em Números.

1) A Pedra que os Seguia

O Senhor, em 1 Coríntios 10.4, revelou que Cristo era a pedra que os seguia (1 Co 10.4). Necessário mencionar que a palavra usada nesse texto por Paulo para pedra tem o significado de penhasco, rocha. Não é uma pedra qualquer, mas faz emergir a noção de refúgio, segurança, atemporalidade, fortaleza. Ou seja, não obstante

houvesse fragilidades no meio do povo, por ser uma nação, a princípio, de ex-escravos, sem tradição bélica, existia algo que poderia trazer bastaste confiança para Israel: a proteção e o cuidado de uma grande Rocha, um penhasco, que os acompanhava por onde quer que fossem. Que segurança maravilhosa!

Interessante que não se diz que eram os hebreus que seguiam a pedra, mas, ao contrário, era a pedra que os acompanhava. O Messias que seria revelado ao mundo já deveria ser conhecido pelo seu povo. Aliás, por isso mesmo, o escritor aos hebreus diz que Moisés preferiu ser maltratado porque tinha "por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito" (Hb 11.26), demonstrando que o libertador dos israelitas conhecia perfeitamente a obra da salvação que haveria de se manifestar.

A constatação mais confortante de toda a travessia de décadas pelo deserto é a de que Cristo estava ali em todo o tempo. Glória ao Senhor. A expressão bíblica demonstra todo cuidado e carinho de Deus por seu povo, na medida em que a "Pedra", que era Cristo, sempre estava por perto, conforme se vê em Êxodo 17.6, no início da caminhada, depois em Êxodo 33.21-23, e, por fim, em Números 20.8-11.

Isso fala de muitos aspectos da natureza de Cristo, tais como sua eternidade, onipotência — um penhasco —, bem como seu cuidado, humildade, benignidade, bondade e amor —, pois a pedra os seguia. Curiosamente, mesmo Moisés sabendo a realidade profunda das coisas espirituais à sua volta, por arrogância, feriu duas vezes a rocha que os seguia!

Diante disso tudo, pode-se constatar que, neste mundo, a vida subsiste somente pela abundante graça e misericórdia do Altíssimo, pois Ele constata com frequência a desobediência em seu povo (isso não aconteceu apenas com os hebreus que caminharam no deserto) mas, ainda assim, continua a nos suportar — e nos acompanhar — pacientemente, todos os dias. É por causa dEle — Cristo Jesus — que não sucumbimos! "Glória, pois, a Ele eternamente" (Rm 11.36).

2) O Maná

Está escrito que "durante quarenta anos os israelitas tiveram maná para comer [...] até que chegaram à fronteira de Canaã" (Êx 16.35,

NTLH) e que, diariamente, cada pessoa deveria colher 2 litros (Êx 16.36). Assim, levando em consideração que havia dois milhões de pessoas (600 mil soldados, mais os homens com menos de 20 anos de idade, os levitas e as mulheres), numa conta simples, Deus fez chover sobre os israelitas 58,4 bilhões de litros de maná. Glória a Deus. O maná foi uma grande bênção para os hebreus, mas ele era imperfeito, pois uma sombra jamais pode reproduzir integralmente o que é real. Ele estragava rapidamente, visto que sua validade era inferior a 24 horas. Contudo, havia algo que o tornava sublime, sendo essa sua principal finalidade: servir como um tipo do verdadeiro pão do céu — Cristo (Jo 6.51), pensamento que é corroborado por D. A. Carson.[3]

O Todo-Poderoso, através dessa comovente história de cuidado e amor, anuncia que, mesmo com as contínuas rebeliões do povo, Cristo estava sempre com os israelitas. Os descendentes de Jacó, um povo de dura cerviz, eram tratados com toda a longanimidade por Deus, que aguardava sinais da verdadeira conversão. Não aconteceu: todos, à exceção de Josué e Calebe, foram sepultados no deserto. Ainda hoje, o Senhor, cheio de compaixão, continua batendo à porta e dizendo: Eu quero cear com vocês (Ap 3.20), sendo Ele mesmo o alimento!

3) A Serpente de Bronze

O último dos tipos messiânicos que será abordado rapidamente neste capítulo é a serpente de bronze. Em João 3.14, Jesus mencionou que ela era um tipo dEle. Esse objeto de metal era a alternativa de cura para todos aqueles que fossem mordidos pelas serpentes venenosas. O tipo messiânico da "pedra[...] que os seguia" (1 Co 10.4) indicava a eternidade, onipotência, força, segurança, providência do Messias... O maná, em seu sentido, traz à lembrança que Cristo é aquEle que alimenta, nutre e dá vida ao seu povo. Mas a serpente de bronze faz emergir a revelação de que aquEle que desceu do céu irá sofrer, mas também será enaltecido, da mesma forma que a serpente de metal foi fixada sobre uma haste, porém não ficou no chão, mas foi exaltada sobre todos.

---

[3] CARSON, D. A. **O Comentário de João.** São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 288.

Segundo D. A. Carson, é comum no Novo Testamento a conexão entre exaltação e ressurreição (At 2.32,33; Rm 8.34; Ef 1.20; 2.6; Cl 3.1; 1 Pe 1.21), mas João vai além e faz uma ligação teológica entre crucificação, ressurreição e exaltação. Nicodemos estava sendo desafiado a ter uma nova vida com Deus... bastava apenas olhar para Jesus e, dessa forma, aconteceria o milagre do novo nascimento. Certamente, o velho Nicodemos não entendeu, naquele momento, toda a extensão da mensagem do Senhor, mas é certo que quando o Salvador foi levantado numa cruz de madeira, fora dos muros da cidade, a revelação total chegou ao entendimento do fariseu, agora, um novo convertido (Jo 3.14; 12.32; 19.39).[4]

O deserto é um lugar perigoso, mas, se o caminhante estiver sempre olhando para Cristo, não sofrerá dano irreversível, mortal, ainda que, ocasionalmente, padeça algum revés.

Conclusão

Examinar as sagradas páginas do livro de Números é viver uma emoção a cada instante, pois o quarto livro do Pentateuco retrata, de forma empolgante e diversificada, os altos e baixos do relacionamento entre o povo de Israel com o Criador, durante a caminhada pelo deserto, bem como as constantes advertências do Senhor sobre a necessidade de santidade!

Nele estão relacionados milhares de nomes de pessoas, mas apenas Moisés, Arão, Miriã, Josué e Calebe têm destaque, pois caminharam em santidade com Deus; ao longo da jornada, certamente todos cometeram erros, mas foram perdoados e seguiram em frente, rumo ao alvo da promessa de Deus. Moisés, Arão e Miriã, apesar de perdoados, porém, não foram autorizados a entrar em Canaã, feito obtido apenas por Josué e Calebe. Nos capítulos seguintes, será feita uma análise minuciosa das circunstâncias que ocasionaram esse desfecho inglório a alguns dos mais afamados heróis da fé e por que Josué e Calebe conseguiram alcançar a Terra Prometida.

---

[4] CARSON, D. A. **O Comentário de João.** São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 202.

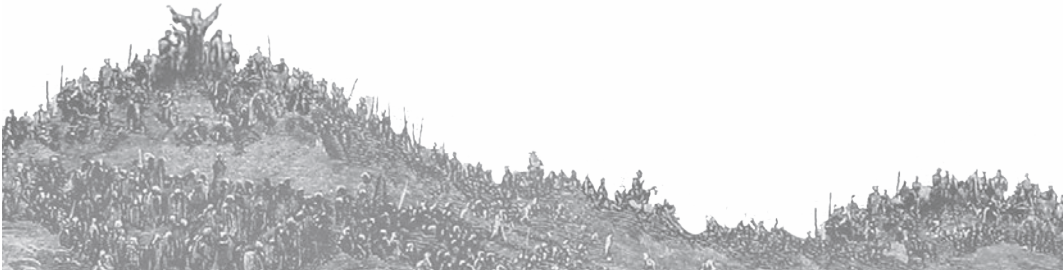
2

Os Preparativos para a Conquista

Introdução

Toda jornada com Deus começa, sempre, com as orientações para o caminho, porque andar com o Senhor não é uma coisa fácil. Há conflitos naturais, decorrentes da incompatibilidade entre a essência divina e a humana. Como o Imaculado pode partilhar vida e emoções com o impuro? Como o Justo consegue conviver com o transgressor, ou o Eterno se embrenhar na vida de quem é finito e cheio de defeitos? Nesse contexto, após a travessia do Mar Vermelho, que provavelmente aconteceu na extremidade da parte norte do Golfo de Suez,[1] Deus determinou que eles acampassem por aproximada-

[1] PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário Wycliffe.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 1502.



mente um ano ao pé do Monte Sinai, onde receberam a lei, para que compreendessem as regras da jornada — calcadas no princípio da santidade, bem como apresentou o desenho do Tabernáculo, a fim de que houvesse um novo espaço de adoração e manifestação da sua glória — o lugar das revelações de Deus migraria do Monte Sinai para a planície do deserto (Nm 3.14), mais precisamente para onde estava o Tabernáculo (erguido um mês antes do início do livro de Números, Êx 40.17; Nm 1.1).

Como preparação para a travessia do deserto, Deus levantou líderes para o povo: no primeiro escalão estavam Moisés e Arão (Nm 1.1,3) e, em um segundo nível hierárquico, um homem de cada tribo de Israel (Nm 1.4). O Senhor mencionou-os nominalmente (Nm 1.5-15), declarando, ademais, que eles seriam "príncipes das tribos de seus pais" (Nm 1.16). O Senhor também mandou contar o povo, a fim de mostrar-lhes a força belicosa da nação, e estabeleceu regras que trouxessem unidade nacional, justiça, fraternidade, como corolários de sua santidade. Eles tinham potencial para conquistar o território de Canaã e tornarem-se o país mais rico e poderoso da Terra.

I – Criando a Ordem Social

1) Censo para a Guerra

Conhecer a sua própria capacidade é requisito essencial para saber até onde se pode ir, e o que é possível conquistar. Nesse cenário, o livro de Números começa com o Senhor determinando a contagem dos israelitas aptos para a guerra (expressão repetida quinze vezes em Nm 1). Deus estava sendo franco: a jornada não será fácil! Haverá guerras pela frente, não com os egípcios, mas outros inimigos se levantarão para destruir o povo (aliás, os israelitas já sabiam disso, pois tinham lutado e vencido uma batalha contra os amalequitas (Êx 17.8-16). Essa circunstância foi mencionada pelo historiador judeu Flávio Josefo, *verbis*:

> Moisés, tendo assim provido o que se referia ao culto a Deus e ao governo do povo, voltou a sua atenção para o que concernia à guerra, pois estava prevendo que a nação teria grandes lutas a sustentar, e começou por ordenar aos

> príncipes e aos chefes de tribos, exceto à de Levi, que fizessem um recenseamento exato de todos os que estavam em condições de pegar em armas [...] Feito o recenseamento, constataram que 603.650 eram aptos.[2]

Interessante que, mesmo com a promessa de Deus — "[...] a tua semente possuirá a porta dos seus inimigos" (Gn 22.17) —, Israel precisava conhecer sua força militar e preparar-se para o futuro. Se ficassem inertes, o território de Canaã não seria conquistado, afinal "o cavalo prepara-se para o dia da batalha" (Pv 21.31). Eles precisavam lançar fora o medo, pela fé, e fazer um grande esforço, como posteriormente Deus falou de modo explícito a Josué (Js 1.9). Definitivamente, a vida dos servos de Deus nunca foi, nem nunca será, uma "mar de rosas".

2) Censo sem Discriminação

Fato extremamente curioso sobre o primeiro censo realizado por Moisés, diz respeito à iniciativa pela contagem do povo: a ideia foi de Deus (Nm 1.1) Por óbvio, O Senhor sabia precisamente quantos homens aptos para a guerra existiam em Israel, mas, ao que tudo indica, o Todo-Poderoso anelava que os homens se credenciassem, que assumissem a posição de guerreiros, afinal não eram mais escravos. Os que se sentissem aptos para o alistamento seriam agregados ao exército de Israel. Deus usaria a todos que se dispusessem a lutar.

A Bíblia diz que Deus não faz acepção de pessoas (At 10.34). Ele usa a todos quantos se colocarem debaixo da sua autoridade para servi-lo, por tal razão o censo não foi feito levando em consideração a posição econômica, intelectualidade, força física, beleza, ou outros requisitos subjetivos, mas, de todas as famílias, aqueles que tivessem "da idade de vinte anos para cima, todos os capazes de sair à guerra em Israel" (Nm 1.3, ARA). Ninguém apto seria desprezado (2 Cr 19.7; Jó 34.19; At 10.34), demonstrando o princípio segundo o qual toda pessoa "nascida de novo" é um instrumento de Deus, pois, certamente, recebeu algum talento do Senhor (Mt 25.14-30).

---

[2] JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 188.

3) Senso Organizacional

Refletindo o caráter de um Deus que ama o que é belo e, em tudo, é organizado, a Bíblia recomenda que os cristãos realizem as coisas com ordem e decência (1 Co 14.40). Basta apenas olhar a natureza ao redor, e constatar-se-á claramente como o Senhor gosta das coisas em ordem. Aliás, no princípio, existindo o caos, depois da ação do Espírito Santo, tudo passou a ser sumamente organizado.

Após fazer o censo dos guerreiros, o Senhor determinou como as tribos deveriam ser distribuídas no acampamento: a Norte, Sul, Leste e Oeste do Tabernáculo, quer quando estivessem arranchados, quer em marcha (Nm 2.1-32). Apresenta-se impressionante como Deus, em todos os momentos em que tratou com o seu povo, ou mostrou como é o céu (Sl 24.7-10; Is 6.1-3; Ez 1.26-28; Ap 4.3-11; 5.8-14; 21.10-23; 22.1,2), evidenciou ser extremamente detalhista e organizado. O improviso não faz parte do Reino de Deus, pois, na verdade, a ordem é a primeira lei do céu.

Flávio Josefo, a esse respeito, arremata:

> O tabernáculo foi colocado no meio do acampamento, e três tribos postaram-se de cada lado, com grandes espaços entre elas. Escolheram um grande lugar para instalar o mercado, onde seria vendida toda espécie de mercadoria. Os negociantes e os artífices foram estabelecidos em suas tendas e oficinas com tal ordem que parecia uma cidade. Os sacerdotes e depois deles os levitas ocupavam os lugares mais próximos do tabernáculo.[3]

Deus estava lhes comunicando que havia um padrão a ser seguido, e que eles deveriam entender que todas essas coisas faziam sentido e eram importantes! E não somente isso: o nome de cada pessoa era importante para Deus (Nm 1.18 diz que eles foram "contados nominalmente"!). O Senhor tem um cuidado especial pelo seu povo e por sua obra, nada acontecendo por acaso ou coincidência. Deus sempre tem o controle de tudo e nenhum dos seus propósitos pode

---

[3] JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 188.

ser impedido (Jó 42.2). Deus sempre tem um plano, e Ele nunca erra. As surpresas são apenas para os homens, que não conhecem a mente do Senhor. Ele, porém, já conhece o fim, desde o começo (Is 46.10).

II – Construindo a Identidade Nacional

1) Senso de Pertencimento

Muitas pessoas se perdem na vida porque não possuem senso de pertencimento. Anrão e Joquebede, por exemplo, incutiram em seu filho caçula, de forma veemente, senso de pertencimento hebreu. Está escrito: "Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó" (Hb 11.24). O libertador de Israel, com ousadia, renunciou ao título de mais alto prestígio social do mundo, simplesmente porque se sentia integrante de algo muito maior: uma família chamada Israel!

Ao analisar as determinações divinas, nos primeiros capítulos de Números, observa-se que Deus planejou que os filhos de Israel tivessem, também, esse senso de pertencimento social, eventualmente fragmentado, pelo longo período que viveram no Egito. Assim, Deus determinou que as pessoas acampassem "junto ao seu estandarte, segundo as insígnias da casa de seus pais" (Nm 2.2, ARA), para que as amizades e associações sociais fossem formadas primariamente com base na proximidade física. O senso de pertencimento deveria nortear todas tribos.

Os filhos de Israel sabiam que cada tribo descendia de um mesmo tronco, Jacó, e isso permitiu que entendessem a necessidade de terem unidade na diversidade de suas tribos. Cada tribo deveria se identificar com seu estandarte, cada família com sua insígnia, mas todos deveriam se sentir um só povo, uma só nação.

Esse sentimento de unidade tornou-se tão forte que, quando as tribos Gade, Rúben e a meia tribo de Manassés desejaram herdar porção de terra na Transjordânia (sem atravessar o Jordão), Moisés reagiu fortemente contra essa quebra da unidade (Nm 32.6-15). Entretanto, essas tribos assumiram o compromisso de conquistar a Terra Prometida para seus irmãos e, somente depois, retornariam para a Transjordânia, para suas famílias (Nm 32.16-19), o que efetivamente aconteceu.

Esse senso de pertencimento era tão importante para Deus que, inclusive, a herança de uma tribo não poderia ficar para pessoas de outra, conforme se vê no exemplo das filhas de Zelofeade, as quais tiveram que casar com homens da própria tribo de Manassés para que a herança paterna não fosse transferida para outros clãs (Nm 36.5,6).

Com isso, Deus tencionava que a vida no acampamento fosse notoriamente comunitária, sem espaço para egocentrismos, conforme está escrito: "[...] amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor" (Lv 19.18). O Altíssimo, na verdade, estava protegendo o futuro dos hebreus, incutindo-lhes a capacidade de estar juntos por um longo período. Observe-se que é da "natureza do amor prender a si mesmo. O amor não é livre. Alguém que realmente ama outra pessoa não pode deixar de ser zeloso pelo objeto do seu amor".[4] Nos dias atuais, infelizmente, muitos cristãos perderam o senso de pertencimento familiar, eclesiástico e comunitário, aceitando a argumentação de que não se admite "mais um padrão oficial e aprovado de crença ou conduta".[5] A tendência moderna, nessa esteira, é que a pessoa se sinta integrante apenas de uma "aldeia global". Com isso, quebra-se a coluna vertebral das famílias, das igrejas e das comunidades, desprezando as experiências e lutas do passado, bem como os princípios e valores apreendidos, os quais foram historicamente aperfeiçoados.

2) Senso de Serviço

Jesus disse que aquele que serve é o maior. De fato, servir é um sinal de grandeza, de amadurecimento, de espiritualidade. No livro de Números, o homem é ensinado precipuamente a servir. E, realmente, um novo comportamento começava a surgir naquela nação de ex-escravos, representado na expressão: "Assim fizeram os filhos de Israel; conforme tudo o que o Senhor ordenara a Moisés, assim o fizeram" (Nm 1.54; 2.34; 8.20; 9.5).

---

4 ZACHARIAS, Ravi. **Quem é Jesus?** Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 160.

5 AMORESE, Rubem. **Icabode.** Viçosa: Ultimato, 1998, p. 49.

É bem verdade que os filhos de Israel estavam acostumados a servir por obrigação, debaixo do jugo egípcio, mas agora eles deveriam aprender a servir uns aos outros em amor (Paulo diz que o cumprimento da lei é o amor — Rm 13.10). Isso seria uma bênção, já que, por meio do serviço ao próximo e a Deus, as pessoas são aperfeiçoadas, pois, à proporção que elas se doam, em amor, vão morrendo um pouco mais para seus egoísmos e vaidades, e são vivificadas para com Deus (2 Co 4.5,11).

Em verdade, "à medida que as relações se tornam superficiais, [...] produz-se desarraigo, certas verdades e valores centrais professados por todos, tais como comunhão, consciência de corpo, solidariedade, fraternidade, serviço, mordomia, amor, etc., perdem sua concreticidade",[6] e, por isso, Deus desejava que os hebreus, pelo serviço, demonstrassem bondade uns aos outros e recebessem os frutos decorrentes da obediência. Era disso que aquela grande multidão precisava desesperadamente!

3) Senso de Reverência Sacerdotal

O Senhor Deus, tão logo estabeleceu o Tabernáculo, preparou um grupo de pessoas para serem os responsáveis pela adoração coletiva: os levitas. Eles seriam, doravante, grandemente usados pelo Senhor como tribo sacerdotal diante de Deus. A sociedade judaica, assim, foi dividida entre dois segmentos: de um lado a tribo de Levi e, de outro, as demais tribos.

O reconhecimento dos levitas como sendo sacerdotes de Deus, e isso por todo o povo, sem nenhum questionamento ou revolta contra esse privilégio levítico, conforme está escrito — "[...] conforme tudo o que o Senhor ordenara a Moisés acerca dos levitas, assim os filhos de Israel lhes fizeram" (Nm 8.20) —, foi, certamente, um ponto alto na solidificação da nação judaica. Na verdade, todos os detalhes que levaram à construção da identidade dos filhos de Israel (senso de pertencimento, serviço e reverência sacerdotal) foram entretecidos diretamente por Deus, constituindo-se num grande milagre cultural!

---

6 AMORESE, Rubem. **Icabode.** Viçosa: Ultimato, 1998, p. 126.

III – Cuidando da Vida Espiritual

1) A Importância dos Levitas

Deus sempre age calcado em atos de justiça. Nunca Ele é injusto, impreciso, ou desleixado com episódio da existência. Cedo ou tarde, Ele pesará as obras de todos. Observe-se, por exemplo, a questão da escolha dos levitas. O Senhor explicou que, como o anjo destruidor poupou os primogênitos dos hebreus no Egito, os quais também mereciam também morrer (pois todos pecaram), então agora eles pertenciam de modo absoluto a Deus. Assim, no lugar dos primogênitos de todas as famílias de Israel, Deus chamou a tribo de Levi para, em substituição, serem propriedade exclusiva dEle, e, em face dessa qualificação, assumirem legalmente a execução dos serviço religiosos.

Como resultado, os primogênitos das outras tribos estavam redimidos, mas a tribo de Levi era propriedade especial do Senhor — não podiam, por exemplo, trabalhar secularmente ou ir à guerra. Todavia, ainda assim, os primogênitos das demais tribos deveriam ser apresentados ao Senhor quando tinham um mês de idade, pagando o preço da redenção — cinco siclos (Nm 3.47) — ao sumo sacerdote, como compensação, porque eles pertenciam ao Senhor (Nm 3.40ss).[7] Como se vê, na prática, realmente, a base do seu trono são juízo e justiça (Sl 97.2), ainda que a mente limitada dos homens não compreenda integralmente seus atos.

Deus precisava de um grupo de pessoas dedicadas exclusivamente a cuidar da espiritualidade do povo, como o é hoje em dia na dispensação da graça (Ef 4.11). Os hebreus precisavam ser ensinados sobre a lei do Senhor, recentemente dada no Sinai, para que vivessem de maneira santa, justa e piedosa, pois só assim teriam uma jornada vitoriosa.

2) Vida Espiritual no Centro

Deus sempre transmite mensagens "cifradas" para os homens, como a que está em Salmos 19.1, ARA: "Os céus proclamam a glória de Deus [...]". Ou seja, ao criar os céus, o Senhor estava também deixando

---

[7] CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 614.

uma pregação para a humanidade! O próprio Jesus habitualmente ensinava utilizando as histórias do cotidiano como pontes para verdades espirituais, de valor inestimável.

Isso também aconteceu em Números 2.17, quando o Senhor determinou que a "tenda da congregação" ficasse localizada no meio do acampamento. Ainda que o arraial estivesse em deslocamento, o Tabernáculo permanecia no centro, e as quatro unidades de três tribos avançavam em ordem específica, de modo que houvesse a maior eficiência na marcha e não se desfizesse a formação. O Senhor estava mostrando ao povo que a vida espiritual (representada pelo santuário móvel) constituía-se no bem mais precioso daquela jornada, por isso deveria estar no centro.

Estratégia, planejamento operacional, coragem, força e capacidade intelectual são importantes, mas o segredo da prosperidade — para o crente — está em entregar a Deus a primazia em sua vida (Mt 6.33).

3) Vivendo para Servir

Quando os filhos de Israel saíram do Egito, não tinham regras a seguir, mas agora o Senhor os ensinava sobre um novo padrão doutrinário e cultural que deveriam adotar. Eles precisavam de uma nova visão. Era o início, o nascedouro, da cosmovisão judaico-cristã.

Inequivocamente, aquilo que está diante dos olhos, somente ao alcance do entendimento apreendido culturalmente, não é, em regra, aquilo que Deus tem para cada um do seu povo. O Senhor sempre move seus filhos para aquilo que podemos ser e não deseja que fiquemos arraigados aos traumas existenciais do passado. O grande problema aparece quando a pessoa anela permanecer com a vista turva. É preciso, pois, buscar enxergar aquilo que é real para a eternidade, percebendo através do discernimento espiritual — isso é ter visão —, e não por intermédio dos olhos físicos — isso significa apenas decifrar imagens transitórias, ter vista. A Bíblia ensina, porém, a não viver por vista, mas por fé, ou seja, pela visão espiritual que é dada pelo Senhor.[8]

---

[8] LINS, Luaran. **Chamados para liderar.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 17.

Deus já havia escolhido Moisés, colocando-o em posição estratégica, porque, acima de tudo, ele não andava por vista, mas por fé (2 Co 5.7). Ele tinha a visão do plano de Deus, pois estava convicto de que a melhor coisa a fazer naquele momento era seguir, com o povo, para a Terra Prometida. (A liderança serve para isso: fazer com que as pessoas se movam juntas.) Deus estava criando uma nova mentalidade em uma geração de ex-escravos, com o objetivo de formar uma nação de adoradores.

De igual sorte, visando construir uma equipe ministerial forte, Jesus passou três anos e meio de seu ministério treinando, preparando, seus discípulos. O investimento para que aconteça mudança de cosmovisão nas pessoas é alto e, frequentemente, o resultado demora um pouco para aparecer... Deus, porém, não é apressado. Ele sabe esperar, com paciência, as mudanças fundamentais e as periféricas.

O Senhor estava, com longanimidade, diante desse propósito, trabalhando para que a cultura egípcia saísse do inconsciente coletivo dos hebreus. A postura corporal de um escravo, quando está amassando o barro com os pés para fazer tijolos, faz com que ele, inexoravelmente, olhe para baixo, para ver o resultado do seu esforço — isso era um retrato do que a classe dominante do Egito fez com os hebreus. Agora, porém, Deus estava mudando o quadro, e aquela multidão deveria olhar para cima, porque de lá viriam todas as suas vitórias; para o horizonte, haja vista que o futuro prometido pelo Todo-Poderoso era brilhante e real; mas, igualmente, os hebreus deveriam olhar para os lados, onde estavam seus irmãos, os quais necessitavam de afeto e ajuda.

Por causa disso tudo, o Senhor estabeleceu muitas (e detalhadas) regras para que, por elas, o povo desenvolvesse uma vida plena de devoção, santidade, visão e serviço. Não é por acaso que, entre os capítulos 3 e 9 de Números, o Espírito Santo ensinou inúmeras condutas que envolviam tanto a celebração cultual como o dia a dia do povo — Deus estava deixando muito claro sobre a necessidade de os hebreus viverem no centro da sua vontade.

Conclusão

Como visto, os preparativos da viagem no deserto incluíam organização, estratégia, sentimento de unidade entre as tribos, mas, principalmente, uma forte mudança de mentalidade e o desenvolvimento de um profundo senso de compromisso do povo com Deus e a sua palavra. O Senhor tinha chamado o seu filho do Egito e, por isso, estava o ensinando a andar e dando-lhe mantimento, mas quanto mais o atraía, mas se ia de sua face (Os 11.1-4).

Tudo era muito incerto, mas havia algo tranquilizador: o Senhor oferecia, ao longo da estrada, a garantia de sua presença constante. Deus disse a Moisés: "Certamente eu serei contigo [...]" (Êx 3.12). Os israelitas podiam ter a certeza da companhia inafastável do Altíssimo. Jesus, igualmente, assegurou aos seus discípulos: "[...] eis que eu estou convosco todos os dias [...]" (Mt 28.20). Deus é assim: exorta, adverte, repreende e disciplina seu povo, mas sempre assegura aos fiéis um futuro feliz, conforme está escrito:

> Estendi as mãos todo o dia a um povo rebelde, que caminha por caminho que não é bom, após os seus pensamentos; [...] E folgarei em Jerusalém e exultarei no meu povo; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor. [...] E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei. (Is 65.2,19, 24)

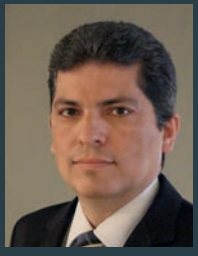
Soli Deo Gloria.

Rumo à Terra PROMETIDA

A Peregrinação do Povo de Deus no Deserto no Livro de Números

Números é o quarto livro do Pentateuco e de suma importância, pois nele consta o padrão de santidade de Deus para o seu povo. O apóstolo Paulo demonstra isso ao citá-lo diversas vezes em sua primeira carta aos Coríntios.

Números também é o livro que compreende o período em que o povo de Israel ficou no deserto, e é neste ínterim que o pastor Reynaldo Odilo prepara um rico estudo. Nesta obra, o autor destrincha a trajetória de aprendizado de duas gerações de hebreus rumo à Terra Prometida.



Reynaldo Odilo Martins Soares – é juiz de direito da 3ª Vara da Família de Natal/RN e copastor no Templo Sede da Assembleia de Deus em Natal/RN. Bacharel em Teologia pelo ESTEADEB, graduado em Direito pela UFRN, pós-graduado em Direito Processual Civil e Penal pela UnP-Universidade Potiguar, Mestre e Doutorando pela Universidade do País de Basco-Espanha. Escreveu os livros *Eu e minha casa* e *Tempo para todas as coisas*, os dois publicados pela CPAD.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-263-1715-4
9 788526 317154